

## LIVRAI-NOS DA LAMA, DALAI!

João Carlos CATTELAN<sup>1</sup>

- RESUMO: Tomando como referencial teórico as concepções de Linguagem de Culioli (1997), de Metaforização de Lakoff (1997) e de Integração Conceptual de Fauconnier (1997), analisar-se-ão casos em que esse processo cognitivo ocorre, procurando determinar se ele é um processo que restringe os discursos, cerceando a liberdade, ou se é um mecanismo que permite a impressão de plasticidade e maleabilidade à linguagem.
- PALAVRAS-CHAVE: Processos cognitivos; metaforização; integração conceptual; subjetivação; atividade discursiva.

O maravilhoso é a face noturna da existência, é o universo do sonho e da magia que realizam ambas transformações e metamorfoses (a alquimia das coisas e dos seres) que seriam absolutamente impossíveis na vida cotidiana (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 30 e 31).

### Introdução<sup>2</sup>

Considerando-se Ginzburg (1999), quando ele teoriza a origem do paradigma indiciário, que se pauta na compilação de sinais e detalhes para realizar predições sobre o mundo, é de se imaginar que tenha havido um momento em que o interesse do homem tenha sido o mundo objetivo, buscando compreendê-lo, para poder criar os anti-corpos de que precisava para enfrentá-lo. Olhar para o mundo, perceber os sinais, remetê-los a eventos acontecidos, testar as predições efetuadas e refazê-las, se necessário, estariam, pois, no cerne da formação do saber sobre o mundo e das atitudes do homem.

<sup>1</sup> Curso de Letras/Português – Unioste – 85960-000 – Mal. Cândido Rondon – PR – Brasil. E-mail: catelan@rondonet.com.br.

<sup>2</sup> Deve-se frisar o número de estudos existentes sobre a produção de metáforas. Assim, poder-se-ia optar por diferentes visadas teóricas. A que se escolhe aqui é uma dentre elas.

Para o autor, o homem, em seguida, deve ter sido empurrado a projetar sobre outras esferas postas sob sua apreciação os saberes construídos a partir de um sistema de referência ligado de forma crucial ao mundo natural. Estaria a aí a gênese da capacidade de pensar metafóricamente. Partindo de uma forma de pensar objetiva, de aplicação imediata, posta numa dimensão referencial e denotativa e usando a linguagem como cumpridora de função informacional, o homem teria passado a aplicar tais saberes a sistemas de referência não mais do mundo natural, mas do campo afetivo, moral, religioso, político, estético, ou outro. Dada a forma de o paradigma indiciário se fazer – este método se pauta na reflexão metonímica (tomando a parte pelo todo, o índice pelo evento) – e a percepção de se poder aplicar o que se conhece de uma esfera, por meio da relação analógica, sobre a outra, uma nova desenvoltura se teria tornado possível, um novo tipo de reflexão teria sido possibilitado, permitindo que a linguagem passasse a atender a outras possibilidades interlocutivas de os homens digladiarem<sup>3</sup>.

Valendo-se de pistas que permitiam encontrar a caça para saciar a fome ou se afastar do perigo, o homem teria aprendido a analisar o mundo e a fazer predições sobre ele, o que lhe deu meios de maior sobrevivência; valendo-se dos saberes que a observação lhe forneceu, o homem aprendeu a olhar para sinais que, em outros níveis, faziam parte de seu corpo e de seu mundo social e cultural. Ele teria, então, podido atribuir sentidos ao mundo. E, para além disso, teria construído um saber metacognitivo especial: usar a linguagem para falar sobre ela própria (a metalinguagem), assim como efetuar seleção entre os recursos disponíveis ou criar outros que se adequassem aos seus propósitos, indicando por seu meio para onde o seu texto quer ser conduzido (o epilingüístico), mesmo que isso falhe, às vezes. Ele teve, a partir de então, meios indiciais para se marcar subjetivamente, seja por se marcar nos recursos que seleciona, seja pela postura por que assume responsabilizar-se, o que, no fim, remete sempre ao uso da linguagem e à reflexividade que ela permite.

Este texto objetiva, valendo-se da *concepção de linguagem* desenvolvida por Culioli (1997), do conceito de *metáfora* alinhavado por Lakoff (1997) e da noção de *integração conceptual* trabalhada por Fauconnier (1997) – todos eles teóricos ligados à cognição, que defende que, para além dos fenômenos observáveis, há procedimentos intelectuais gerais que dirigem o conhecimento e a construção do sentido –, analisar uma charge veiculada pelo jornal **Folha de São Paulo**, em 08 de abril de 1999, por ocasião da visita do Dalai Lama, monge supremo do Budismo tibetano, ao Brasil. A análise pretende perseguir um desses processos cognitivos e vê-lo em atuação.

A aproximação entre os três teóricos considerados é bastante plausível, uma vez que, de uma forma mais ou menos crucial, eles estão ligados à psicologia cognitiva, sendo a diferença que parece existir entre eles apenas um efeito de sentido deste tex-

<sup>3</sup> Sabe-se ser questionável pensar a linguagem como um conjunto de funções e como sendo usada para produzir sentidos literais e derivados. Mesmo assim levar-se-á a discussão adiante, porque ela permite vislumbres sobre a atividade discursiva do sujeito.

to, que, para ser construído, teve que buscar em cada um, respectivamente, a concepção geral de linguagem, o conceito genérico de metáfora e a explicação pontual de como este fato ocorre. Assim como é possível afirmar, por um lado, que eles comungam uma mesma teoria geral de linguagem, pode-se, por outro, dizer que os três conceitos usados aqui estão relacionados, já que cada um pode ser compreendido como a aplicação conseqüente do anterior, de natureza mais geral; isto é: entre a concepção de linguagem de Culioli (1997), de metáfora de Lakoff (1997) e de integração conceptual de Fauconnier (1997), há um gradiente que vai do geral para a observação de um fenômeno particular.

### **A concepção de linguagem de Culioli**

Tomada assim como a concebe o lingüista e filósofo da linguagem francês, Antoine Culioli (1997), a linguagem seria a capacidade inata que o homem possui de representar, referenciar e regular. Cada coisa a seu tempo. Antes: conceber a linguagem como uma capacidade inata do homem significa afirmar que ela não é adquirida por meio de algum tipo de aprendizado interacional e nem que seja internalizada por meio de respostas comportamentais. Significa postular que ela é parte intrínseca do homem, precisando do meio ambiente apenas como gatilho motivador para que processos lingüísticos naturais se façam ativos.

Depois: representação, referenciação e regulação fazem dar à relação interacional um estatuto de centralidade, já que só são necessárias, imaginando-se que o homem se constitui por atribuir leituras ao mundo, impondo-as ou as revendo, porque outras lhe parecem mais pertinentes: pela linguagem, o homem se constituiria, representando e referindo e a usando para regular as construções alcançadas por meio das outras duas atividades.

Representação pressupõe que a linguagem não é especular, versando sobre um mundo que mostra uma face legível ao homem, o qual teria a tarefa de se voltar para uma superfície transparente e explicitar as leis intrínsecas dos objetos, pondo-as, num ato de linguagem, à luz do dia: texto público para si e os demais. Numa espécie de cumplicidade, o homem leria a sua face especular e as coisas voltariam ao seu mutismo inicial. Representar significa fazer uma violência às coisas, torcê-las até onde uma leitura se faça, fantasmagorizando o objeto, antes do que fazendo-o voltar a face para um espelho transparente, que manifestaria uma imagem semelhante ao objeto real.

Da ação de representação, "a tradução mental da realidade exterior" (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 27), não se separa a de referenciação, pois a primeira só imprime um sentido às coisas, para que se possa referi-las: não sob um viés denotativo, mas para impor leituras sobre o mundo, que serão endereçadas a sujeitos, que, não

sendo mudos, terão outras formas de representar e, portanto, de referenciar os mesmos objetos.

Eis, pois, a atividade de regulação: ela, nos entremeios dos embates e lutas dialógicas que legibilizam os objetos diferentemente, vai permitir que sentidos sejam negociados, que mecanismos retóricos sejam agenciados, que estratégias argumentativas sejam postas em prática, que leituras distintas se confrontem e que a homogeneidade de pensamento seja buscada, embora não se possa imaginar que venha a ser alcançada.

Nesse intervalo (ou, mais propriamente, simultaneidade), está a linguagem: com ela se representa (havendo ações que são lingüísticas, ou seja, da linguagem sobre o sujeito, que o fazem representar de um certo jeito); com ela, se referencia, fala-se sobre; por meio dela, regula-se uma forma de compreensão e se busca impô-la como a leitura. Dado que o homem não se separa da linguagem e, se o fizesse, não mais seria homem, deve-se perceber que ela, por sua ubiquidade, não se dissocia das atividades humanas, bem como é inseparável da busca de construção de sentidos que se dão entre sujeitos sócio-historicamente situados.

## **Linguagem, cognição e comunicação**

Se, por um lado, percebe-se que a linguagem não se separa dos sujeitos que a utilizam, senão por redução a esquemas formais ou operações matemáticas que não dão conta da flutuação de uso, por outro, não se pode estudá-la com pertinência, a não ser por remissão aos processos cognitivos que lhe garantem a plasticidade necessária para adequação às necessidades interlocutivas. Nem tudo é cultural, ou mais propriamente: há que se considerar, na linguagem, o caminho de mão dupla que se desenrola entre o que é cultural e o que é devido a fatores de ordem cognitiva. Dito de outra forma: no uso da linguagem, convivem a atividade discursiva e a sedimentação que permite outros efeitos, mas também processos cognitivos que embasam a reflexão realizada.

Parece, pois, estar-se frente a um duplo paradoxo: 1) a linguagem é uma capacidade pautada em processos de ordem cognitiva, porém, ao mesmo tempo, é cultural; 2) ela tem seu funcionamento remetido a processos cognitivos gerais, mas sua forma de uso é ubiquamente interacional. Há que se buscar resolver tais paradoxos.

Com relação ao primeiro, um dos exemplos de Culioli (1997) ajuda. Analisando a forma **phai** usada no vietnamita, Culioli (1997) busca mostrar que, por meio de um deslocamento sucessivo, o termo passou da designação do lado direito do corpo por oposição ao esquerdo (Erga sua perna direita X Erga sua perna esquerda), à nomeação da mão direita no trânsito (Ande do lado direito da rua X Ande do lado esquerdo da rua), à negação de uma propriedade (Ele é um soldado X Ele não é um soldado), à adequação de algo a uma certa exigência (O que você fez está certo X O que você fez não es-

tá certo) e à perspectiva de onde se observa determinada ocorrência (O soldado prendeu o assaltante X O Assaltante foi preso pelo soldado)<sup>4</sup>. Tendo como ponto de partida algo pertencente à realidade objetiva, a lateralidade corporal, o uso do morfema **phai** teria, então, se expandido para outras esferas de uso: ao trânsito, à posse de uma propriedade, a um valor moral e à perspectiva de onde se observa um evento.

Culioli (1997) mostra que, embora se esteja frente a cinco domínios de aplicação, a operação de base que se encontra dando sustentação a todos os casos é sempre a mesma: uma bifurcação que se constitui de um ponto de partida, neutro, e dois caminhos, que se encontram à disposição do falante, um por oposição ao outro, com pontos de chegada e conseqüências distintas. O primeiro paradoxo se desfaz, então: os processos cognitivos teriam como base uma operação intelectual realizada a partir de uma esfera de percepção, a qual permitiria sua reaplicação a domínios diferentes, possibilitando usos e deslocamentos. Esses, por sua vez, é que seriam culturais, sendo a linguagem, então, o meio que torna possível o encontro entre algo que é cognitivo, construído sobre o sistema de referência do mundo natural, e algo que é cultural, ou seja, construído por cada cultura e grupo social, e, por que não dizer, em última instância, pelo indivíduo, já que os homens se valem dele para interlocuções específicas<sup>5</sup>.

A solução do segundo também parece fácil: se, por um lado, há dados que mostram a existência de processos cognitivos que sustentam os usos lingüísticos que se faz, nem por isso há que se imaginar que tenham se desenvolvido antes, para depois a linguagem ser possível, ou que, antes permitissem ao homem a formação de saberes sobre o mundo, para depois as interações acontecerem: ao se admitir que processos cognitivos existem, eles não são postos como preponderantes face à interação, mas se está dizendo que as necessidades interacionais se fazem tendo por base processos cognitivos e que eles são desenvolvidos por necessidades comunicativas que se apresentam. Enfim, dado que o homem interage com e pela linguagem e que ela tem por base também processos cognitivos, é de se imaginar que a cognição e a interação podem ser emparelhadas, sem que uma seja postulada como superior à outra, o que conduz novamente ao questionamento sobre a unilateralidade da aplicação do mundo objetivo a universos de outras ordens (**ver** nota 4).

O que parece ser apontado como problemático, em última instância, é que se faça estudos da linguagem desconsiderando a cognição, como se tudo fosse cultural ou comportamental, apagando-se uma dimensão generalizante do conhecimento, ou que se faça estudos de cognição por desconsideração à linguagem, o que não passaria de um conjunto de hipóteses abstratas, formuladas arbitrariamente. Para Culioli (1997, p. 43),

<sup>4</sup> Essas variações de sentido são marcadas, no vietnamita, pela presença do morfema *phai*.

<sup>5</sup> Como se vê, para Culioli (1997), o caminho que orienta a construção e a internalização dos processos cognitivos parece ser aquele que parte da observação do mundo objetivo e conduz para a reaplicação sobre sistemas de outra ordem. É claro que não se pode definir positivamente que isso teria ocorrido no início dos tempos. Talvez o caminho não se faça sempre nesse sentido, pois sempre é possível imaginá-lo em sentidos múltiplos; dialeticamente, se for julgado melhor.

Je dirai seulement que la recherche cognitive ne peut pas écarter le langage de son champ, sauf à pratiquer soit le réductionnisme logico-algébrique d'une bonne partie des travaux en Intelligence Artificielle, soit le réductionnisme physicaliste de certains biologistes. Quant au langage il ne peut lui même, être appréhendé à travers des artefacts linguistiques et quelques analyses sommaires, qui permettent d'éviter la complexité des phénomènes.

O que está na mira de Culioli (1997) é, na verdade, uma tentativa de especificação do que é cognitivo e do que é cultural. A proposta tem como crença que, por detrás da caoticidade dos fenômenos, há processos cognitivos que se materializam de forma distinta e que sustentam a linguagem, coerentizando a dispersão dos fatos observados. Ou seja, se, como em **phai**, cria-se um trajeto que vai do perceptível e concreto a um terreno que adentra territórios da ética e da moral (não necessariamente nessa ordem, é necessário que se frise), nem por isso se deixa de ter como base um processo de construção de saberes a orientar a plasticidade e a maleabilidade da língua.

Essa reflexão indica que, por detrás da diversidade dos fenômenos lingüísticos, há uma forma invariante que comanda os processos de criação de efeitos de sentido impostos sobre os recursos lingüísticos, devendo a linguagem, embora sem privilegiar a cognição e fazê-la determinante dos usos lingüísticos, ser pensada à luz de processos cognitivos que a orientam e fazem dela um sistema plástico (fechado e aberto), para dar conta das demandas interacionais que respondem às necessidades do homem.

### **Acerca da metáfora**

Geralmente, as explicações para o processo de metaforização que ocorre na linguagem se limitam a afirmar que o que ocorre é um processo de emparelhamento entre duas entidades, sendo que uma delas comunga com a outra um espaço de intersecção, o que faz com que as propriedades de uma acabem por se sobrepor às propriedades da outra, resultando um outro efeito de sentido. Essa forma de explicação, constituída *ad hoc*, ancora-se numa imediatez de percepção, dado que, a cada lance, dever-se-ia lançar mãos de hipóteses locais para explicar a metáfora feita, sem que, porém, se pudesse dar conta do processo cognitivo que se encontra subjacente à atividade e que permite ao homem a possibilidade de, taticamente, a cada batalha, valer-se de um mesmo processo para atender às necessidades de comunicação.

Uma explicação razoável para a metaforização parece ser a de Lakoff (1997), que busca assentar, a partir da complexidade dos dados empíricos, uma hipótese teórica que tem uma formulação generalizante e maior poder explanatório. Diz o autor:

La notion de métaphore est souvent mal comprise. Le cerveau humain opère par projections neuronales qui sont des aires corporelles le plus voisines des inputs primaires – tels que le cortex visuel primaire, le cortex sensori-moteur etc. – aux aires corticales supérieures qui sont

plus éloignées de ces inputs. Bref, d'un point de vue neuronal, il y a des parties du cerveau qui sont plus proches des inputs corporels et d'autres plus éloignées (LAKOFF, 1997, p. 167).

O pleito de Lakoff (1997), como se vê, não se distancia do de Culioli (1997), ou seja, para ambos, a partir do mundo das coisas imediatas, efetuam-se deslocamentos, que, tendo um ponto fixo de operação, são aplicados a domínios diferentes e de natureza mais abstrata (unidirecionalidade que é preciso pôr sob suspeição), sem que se possa pleitear, porém, que se tenha entrado numa outra ordem de operação, pois, na base, estaria o mesmo mecanismo de raciocínio, isto é, construir uma metáfora demanda passar de uma ordem de fatos a outra, sem que, por isso, deixe-se de estar tomando como forma de raciocínio um mesmo tipo de operação cognitiva.

Eis o que afirma Culioli (1997, p. 44, grifo do autor):

Même se de tels phénomènes sont courants, je souligne que le passage d'un ordre de représentation à un autre ordre, implique une abstraction, c'est-à-dire un étagement, la construction d'une forme de formes, qui introduit une propriété supplémentaire. Ce qui est à l'oeuvre ici, c'est un processus de modélisation interne, qui construit et conserve une **propriété invariante**.

Duas observações parecem pertinentes: a primeira, já feita, refere-se ao fato de parecer que tal forma de compreensão coloca a cognição acima da comunicação, uma vez que parte da reflexão sobre o mundo concreto para a proliferação da sua aplicação a outros domínios, o que poderia gerar um desequilíbrio e fazer pensar o homem como ser conhecedor, mas não comunicativo. Porém, ratifique-se: a cognição existe porque a comunicação se faz necessária e vice-versa. A outra diz respeito ao fato de que a teorização diz de onde vem uma metáfora, ou a partir de que tipo de trabalho se torna possível, mas não diz como ela se realiza, isto é, sabe-se que do mundo das coisas passa-se, por um processo de analogia, a outros universos de apreensão, mas não se diz como ela é em si, na sua especificidade.

Lakoff (1997, p. 181), de forma lacunar e sem ir ao âmago da questão, afirma: "*Les détails linguistiques sont différents d'une langue à l'autre mais ils ont néanmoins rapport à des expériences communes. Quand deux domaines de l'expérience commune sont rapprochés, une métaphore peut surgir*". Isso explica donde vem uma metáfora, mas não explica como ela se forma e como os domínios são aproximados. Para isso, o amparo na teoria da **integração conceptual** de Fauconnier (1997) parece promissor.

## **Integração conceptual**

Para Fauconnier (1997, p.182, grifo do autor), o processo cognitivo da **integração conceptual**

met en place un réseau d'espaces mentaux très partiellement structurés. Dans la configuration la plus typique, ce réseau contient quatre espaces. Deux de ces espaces sont les espaces 'initiaux' ou **espaces d'entrée** ("inputs"). Ils sont mis en correspondance par une projection partielle. Cette projection dégage une structure commune généralement plus abstraite, qui est construite dans un troisième espace, **l'espace générique**. Enfin, une projection sélective opère à partir des espaces initiaux vers un quatrième espace, **l'espace intégrant**.

O próprio Fauconnier (1997) alerta para o fato de que a **integração conceptual** permite explicar diversos fenômenos linguísticos, tais como a evolução dos conceitos, certas construções gramaticais e estratégias retóricas, raciocínios contrafatuais, mas também, e de forma plausível, os processos metafóricos; daí, o recurso, aqui, ao conceito, para pensar sobre o processo de metaforização, numa dimensão que o toma percorrendo um trajeto que vai do mundo da cognição a processos mentais superiores (abstração) e ao mundo da comunicação (interação)<sup>6</sup>, onde os sujeitos travam lutas interlocutivas.

Ao dizer que o processo de **integração conceptual** se dá por uma interligação em rede de espaços parcialmente estruturados, Fauconnier (1997) faz ver que, a partir de dados imediatos, realizam-se operações abstratas para se atingir domínios outros que não os do mundo sensorial. Mas vai além, buscando formalizar essa atividade discursiva.

Os interlocutores, quando em atividade de metaforização, estariam frente a domínios distintos e, a partir da sua aproximação, por referência ao que ambos têm em comum quanto à possível estrutura abstrata partilhada, teriam à sua disposição um espaço genérico, dado pela identidade dos dois domínios iniciais, o que permitiria a aproximação deles e a aplicação de um sobre o outro, construindo o espaço de integração, que resultaria da seleção de certas propriedades dos *inputs* iniciais. Como diz Fauconnier (1997, p. 186),

Il est clair que l'espace intégrant ne met pas en scène 'un monde possible'. Sa fonction est de permettre à certains raisonnements et certaines analogies d'opérer, parce qu'il reste lié dans le réseau d'intégration aux autres espaces et aux modèles culturels en vigueur.

Para o autor, portanto, o que possibilitaria uma metáfora e os "desvios" de sentido de que se falou residiria no fato de dois domínios serem aproximados por apresentarem uma estrutura comum entre eles, e, de tal aproximação, resultar um outro núcleo significativo, que não é só somatória de dados já dados, mas criatividade de interlocutores, postos frente à frente, em embates dialógicos e com necessidades históricas, psicológicas ou ideológicas. Como diz Culioli (1997, p. 56),

Sans un sujet, dans ses relations avec d'autres sujets, on ne peut rendre compte des

<sup>6</sup> Não em termos cronológicos, mas simultâneos.



observations empiriques qui sont la trace de notre activité cognitive, telle qu'elle apparaît, de façon spécifique, à travers le langage.

À falta de melhor exemplo e de melhores palavras para demonstrar o que seria o princípio de **integração conceptual** de Fauconnier (1997), apresenta-se a análise feita por ele do enunciado "*Ce chirurgien est un boucher*".

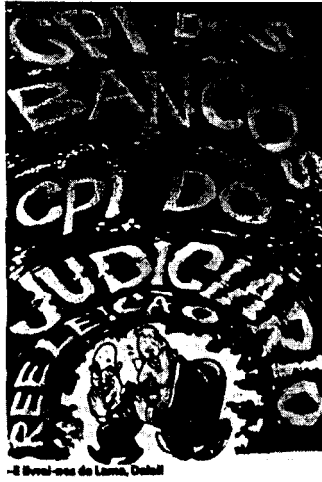
Cet énoncé vise à souligner la maladresse du chirurgien, et les effets indésirables de cette maladresse. Mais ces inférences ne sont pas simplement transmises du domaine de la boucherie à celui de la chirurgie. En effet, les bouchers sont fort adroits dans leur domaine, qui est le découpage de la viande, et leurs actions dans ce domaine (production de rôtis, biftecks etc.) sont considérées comme désirables. Dans un réseau d'intégration conceptuelle, deux espaces de structures très partielles empruntées aux domaines de la boucherie et de la chirurgie sont mis en correspondance, à partir de certaines propriétés génériques partagées (découpage de chair, instrument tranchant, blouse blanche, activité professionnelle habituelle...). Mais ni la maladresse, ni ses conséquences catastrophiques, n'apparaissent dans ces espaces. C'est dans l'**espace intégrant** qu'on les trouve. En effet, dans l'espace intégrant, on projette la salle d'opération, le malade, et le chirurgien d'une part, et les gestes et instruments du boucher de l'autre. Il y a alors apparition de structure émergente: par simulation de cette situation inédite, on aperçoit tout de suite les effets néfastes de la procédure. La maladresse et la incompetence du chirurgien, représentées avec hyperbole dans l'espace intégrant, sont projetées en sens inverse dans l'espace initial de la chirurgie (FAUCONNIER, 1997, p.48, grifo do autor).

Talvez se devesse fazer uma emenda à teoria de Fauconnier (1997), no sentido de que, se é assim que se produz uma metáfora, por fatores de ordem interna à linguagem, é na observação da comunicação e da interação entre os homens que se vai decidir qual dos dois universos tem suas características sobrepostas ao outro. De qualquer forma, a metáfora se faz assim, mas a interação decide para que lado ela tende e que outro é mais silenciado: ou seja, a interação decide se é o cirurgião que é açougueiro, ou se é o açougueiro que é cirurgião.

Uma ressalva: às vezes, no percurso a que é submetido, o espaço integrante passa a ser tomado como *input* inicial, ficando opaco, e só em momentos cruciais volta a aparecer, por força de necessidades de significação que se fazem pertinentes no momento. Essa é uma das coisas que se verá na análise a seguir da charge do início do texto e do enunciado dito por um âncora *A China foi atacada por um mar de lama, de verdade*, dentre outros exemplos.

### **Lama, Lama, Lama**

A charge que é tomada como mote para a discussão foi veiculada pelo jornal **Folha de São Paulo**, em 08 de abril de 1999, por ocasião da visita, ao Brasil, do Dalai La-



ma, representante supremo do budismo tibetano atual, doutrina religiosa que se afasta do bramanismo, por se opor ao regime de castas.

Por ocasião da visita do monge ao Brasil, em abril de 1999, devido às investigações que eram levadas a efeito pelas CPIs que estavam instaladas, do narcotráfico, dos bancos, do judiciário, dentre outras, diversos escândalos financeiros e de favorecimento político vinham sendo descobertos. Dentre as CPIs instaladas, achavam-se a que analisava a denúncia de favorecimento aos bancos Marka e Fonte Cindam, por ocasião da desvalorização cambial do real em relação ao dólar, em janeiro de 1999; a do judiciário, que investigava o desvio de verbas na construção do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, em que o juiz Nicolau dos Santos Neto e o senador Luiz Estêvão apareciam como principais responsáveis pelo desvio de quase 200 milhões de reais para contas particulares; e a da reeleição, que estudava a denúncia de que o presidente do Brasil teria dado 200 mil reais a cada um dos parlamentares dispostos a votar favoravelmente à emenda da reeleição. Esse era o clima político vivido no momento e os fatos que mais geravam comentários. Nessa ocasião, veio ao Brasil o Dalai Lama, supremo sacerdote do budismo e homem de bem, para uma visita oficial em busca de apoio à causa tibetana contra a China, que se diz dona do Tibete, território que pertenceria a ela.

O primeiro fato a notar é que o termo 'lama', que no budismo equivale a sacerdote, foi posto numa posição sintagmática diferente da que ocupa no enunciado religioso, passando, por causa disso a constituir outro efeito de sentido, não mais o de *lama*, monge sagrado, mas o de *lama*, atitudes desonestas que ocorrem no mundo político, provocando estranhamento, pois o que parece se dever esperar é que a construção *Dalai Lama* apareça na forma cristalizada, com os termos nessa canonicidade. A colocação sob outra forma cativa a atenção e faz o leitor buscar a causa da ruptura, sendo

levado a perceber que o termo não mais tem o sentido anterior, mas um outro, que remete a um sistema de referência político e não religioso.

Deve-se perceber que a transferência de *lama* do terreno religioso para o terreno político não se dá como retorno à vida inicial do termo, pois não estaria aí o movimento inicial de formação do que seria o pretense sentido original<sup>7</sup> mas sim, se se tomar a cognição como norte de análise, num outro mundo, em que ele teria uma outra legibilidade, a de *lama*, lodo, que, por um processo de metaforização ancorada no processo de *integração conceptual*, permitiria a sua aplicação, por analogia, a outros sistemas de referência. Ou seja, a partir do mundo natural, onde *lama* é lodo, barro, sujeira, água misturada com argila e fragmentos de rochas, uma mistura de coisas heterogêneas, chegar-se-ia às possibilidades dadas pelo que há de estrutura genérica entre esse efeito de sentido e outros tornados possíveis.

Há que se tentar fazer visualizar como se dá tal forma de atividade locucional por meio da linguagem. Sigam-se os passos de Fauconnier (1997): inicialmente, dois **espaços iniciais** ou *input* – o do mundo natural, onde *lama* possui o sentido de lodo, barro, água suja – e o do mundo da política, onde não há água, nem lodo, mas atitudes não transparentes, não condizentes com o que se espera de um administrador público que está lidando com recursos que são gerados por outros, que os põem em suas mãos, para o melhor destino da coletividade. Esses dois sistemas não são homogêneos, já que remetem a duas ordens de percepção. Mas não são, por isso, incompatíveis, dependendo do ângulo sob o qual sejam encarados. Há entre eles um *espaço genérico* que se refere ao fato de ambos apresentarem a possibilidade de serem transparentes, não misturados a coisas que deveriam ficar de fora; de cada um, se atingido por fatores indesejados de fora, poder se tornar algo impuro; de ambos poderem atender ao bem do homem, quando não mesclados a elementos corruptores; de ambos poderem causar o mal, se afetados em sua pureza e integridade. O **espaço de integração** é obtido no momento em que o malefício da água, se corrompida em sua pureza, pode se abater sobre os que a consomem e é projetado sobre a política, quando alcançado por fatores que a fazem se desviar de seus objetivos primeiros. É o que ocorre aqui, quando um mundo inicial, que aponta para a impureza da água, se habitada por elementos outros que não os que deveria apresentar, e para as conseqüências que podem advir daí, é aproximado de um outro, em que um certo tipo de contaminação também traz conseqüências negativas para aqueles alcançados pela poluição. O aspecto negativo da *lama* está no fato de poder ser prejudicial à saúde corporal do homem e ele se revela na *lama* política, na degradação moral e desonestidade econômica que geram resultados funestos para uma coletividade.

Está-se, pois, face a três *lamas*: uma, que remete o leitor ao discurso religioso budista e que quer que *lama* seja legibilizado como monge; esse efeito de sentido seria obtido pela canonicidade da forma *Dalai Lama* (não que a transposição não mantenha

<sup>7</sup> Já se falou sobre o problema da assunção de um sentido literal e de outros que seriam metafóricos.

esse conhecimento ativado); outra, que quer que *lama* seja entendida como corrupção política; e uma outra ainda, que se quer como lodo. Dos três, o menos importante para o efeito de sentido da charge é o último, que até passa despercebido, ou, antes, opacificado, embora ativo.

De acordo com Fauconnier (1997), esse seria o poder do processo de integração conceptual, já que os resultados obtidos por seu recurso podem ser de tal forma naturalizados que passam a ser encarados como o sentido primeiro, ficando o mais imediato e referencial relegado a uma espécie de esquecimento. *Lama*, que, em outros momentos, poderia remeter quase que “naturalmente” a lodo ou barro, em 1999, especificamente por ocasião da vinda do Dalai Lama ao Brasil, no mundo noticioso de então, equivalia, quase que forçosamente, a estar falando de política e de corrupção, tal o quadro histórico constituído.

Demonstração clara disso deu o repórter e âncora do **Jornal Nacional** da Rede Globo, no comentário final do enunciado *A China foi atacada por um mar de lama, de verdade*, ao dar a notícia de que, num lugar da China, uma encosta submetida a chuvas ininterruptas teria deslizado abruptamente e atingido pessoas desprevenidas a observarem a paisagem e que não viram o que ocorria. O sintagma *de verdade* mostra que o repórter, mesmo que de forma inconsciente, é afetado tanto pelo fato de estar num programa de notícias como pelo momento histórico vivido, o que leva o seu enunciado a ser lido como *ao se falar em lama, está-se falando de corrupção política e é isso que vão pensar da manchete, na forma como foi elaborada; é necessário, portanto, que se esclareça que o sentido não é esse, mas o mais adormecido historicamente, nessa situação, e que remete a lodo*. Freud (1969) chamaria a isso de plenificação de um sentido vazio. Interessante observar que por buscar precisar o efeito de sentido a que visava a manchete, o repórter acaba ativando ambos os efeitos, ou seja, faz com que a questão da corrupção política seja trazida à consciência de quem não a tinha (embora, no momento histórico seja difícil pensar num caso em que isso ocorresse).

A charge e o enunciado do âncora trabalham, pois, em sentidos inversos: num, desloca-se o termo *lama* do sentido religioso para o sentido político, sem maiores traduções, dada a transparência histórica adquirida pelo termo no momento do enunciado (é claro que contribuem para isso os dizeres referentes às CPIs e as personagens presentes na charge); no outro, a expressão *de verdade* vem revelar a tentativa de controle e precisão do sentido que o repórter tenta dar ao termo, fazendo-o retornar a um pretense sentido literal e inicial, que, adormecido que estava, não se recuperaria, sem que se forçasse o leitor a fazê-lo.

Frise-se, por fim, a intertextualidade do chargista em relação à oração do **Pai Nosso**, no enunciado *E livrai-nos da lama, Dalai*, trabalho feito sobre a oração cristã. Ao pôr tais palavras na boca de FHC, adequando-as ao personagem em visita e brincando com a palavra *lama*, o autor do texto escancara uma situação tão problemática, que só deuses a resolveriam, não sendo isso possível para homens comuns, quanto mais para um presidente impotente.

Enfim, a charge perfaz uma atividade intersubjetiva que, por necessidade de construção de efeitos de sentido, vale-se do processo cognitivo da integração conceptual para atingir seus objetivos, surpreendendo pela criatividade, mas se valendo de um processo que se encontra à disposição, valendo-se dele como peixe no aquário que tem que se defender taticamente das estratégias desencadeadas contra si e seus interesses.

Talvez se pudesse perguntar o que uma *lama* tem a ver com as outras: ou seja, o que é que a *lama* do Dalai tem a ver com a *lama* do lodo e com a *lama* da corrupção. Parece que a aproximação entre as duas últimas é pouco polêmica. Ambas se referem ao contágio de uma entidade pela outra; num caso, a da água pela argila; noutro, a da vida política pela corrupção. Mas a imersão da *lama* do Dalai nesse composto discursivo não é tão problemática como poderia parecer. Dado ser o Dalai uma pessoa pura, reencarnação de almas tantas que tiveram vidas exemplares, outros Dalais, não está distante a possibilidade de associar a *lama* do Dalai, pura e imaculada, à outra *lama*, a da política, caracterizada por CPIs variadas, que apuravam problemas políticos relacionados à má administração. Vê-se a esperança, talvez, de que uma lama, imaculada, seja capaz de purificar a outra, maculada.

Ousando pleitear um outro processo cognitivo a comandar a multiplicidade aberta que se vê em *lama*, ora política, ora natural, ora religiosa, caracterizando-se por uma mescla (ou não) de entidades "incompatíveis", poder-se-ia pensar que, na base do raciocínio que se vê efetuado em *lama*, reside uma competência humana para distinguir entidades puras de híbridas, homogêneas de heterogêneas, princípio que possibilita sobrepor elementos de universos discursivos distintos uns sobre os outros, integrando conceptualmente desde dados triviais até abstrações de ordem cognitiva ou comunicacional mais complexas e sofisticadas. Neste sentido, as palavras de Culioli (1997), são esclarecedoras e fazem, à guisa de conclusão para essa análise, um fecho melhor do que o que se poderia pretender fazer.

Cette prolifération s'effectue par déploiement à partir de l'invariant minimal. On aboutit ainsi à une différenciation des sens, régulée par l'interaction avec des facteurs tels que la situation d'énonciation, le frayage de l'énoncé et, de façon générale, l'entourage textuel. On pense que cette différenciation n'est pas régie par aucun autre mécanisme que **le hasard** des selections opérées dans une communauté, au fil du temps et des circonstances. Mais ce que est inévitable, c'est qu'il y ait régulation et choix de chemins **nécessaires** parmi les chemins possibles que produit le déploiement. (CULIOLI, 1997, p. 49, grifo do autor).

Uma última observação em relação à charge: ela parece encaminhar para a conclusão de que o mundo das coisas se sobrepõe ao das outras instâncias mais abstratas, de que a cognição se sobrepõe à interação, de que haveria um sentido literal e um outro metafórico. Há que se pôr isso em xeque. Não se é literal antes e metafórico depois. Pensar o sentido em termos de efeitos de sentido é crer que o mundo seja discretizado e concebido de forma diferente, em dependendo do prisma em que as pessoas se colocam e não há como determinar o que veio antes ou que sentido precedeu

a outro. Talvez, em muitas circunstâncias, o que poderia, ingenuamente, ser concebido como metafórico é que seria o literal, mas nem isso. A afirmação de Possenti (1993, p. 72) pode encerrar bem, provisoriamente, o assunto: "Talvez se seja sempre literal, apenas acontece que a analogia é a melhor, quando não a única maneira de ser literal, dadas certas circunstâncias". Parece possível afirmar que, muitas vezes, o que se faz é lançar mão de processos cognitivos, os quais, dadas necessidades intersubjetivas concretas, começam por ser ativados num ou noutro sistema de referência, e não necessariamente antes no mundo empírico e mais imediato.

Pode-se, pois, postular, a partir da charge, que a atividade do sujeito, embora se tenha valido de recursos lingüísticos, de saberes sócio-históricos e de operações cognitivas comuns aos outros homens, caracteriza-se como marcada por um trabalho de escolha e de seleção, que confere ao texto um caráter de novidade, não porque diga algo novo, mas porque diz de forma nova algo já-sabido. Como seria possível ver no texto um assujeitamento do sujeito a recursos e saberes dados e a uma opção política que o interpela em sujeito, se esse for o prisma teórico que se pretenda assumir, também é possível ver no texto um sujeito estrategista, que vai caçar em terreno alheio, surpreendendo pelo jeito de dizer e fazendo o já-sabido adquirir outras fisionomias, quanto não seja pela interpolação de universos conceituais distintos, fazendo com que as palavras proliferem em efeitos de sentido, alcançando a possibilidade de condensação e de síntese e fazendo retornar a atividade lúdica permitida ao jogo que as crianças fazem com as palavras, sem que tenham, por isso, contrariamente à charge, que arcar com o ônus da atividade racional de obrigação de ter que fazer sentido (FREUD, 1969). Interessante observar como a manipulação de um sintagma que teria um baixo nível de informatividade, se fosse usado na sua forma canônica, consegue surpreender pelo inesperado, e condensar, por meio do jogo com o significante, três universos conceituais distintos, obtendo um efeito de crítica política mordaz, embora se tenha valido de apenas alguns indícios textuais.

Um conjunto relativamente grande de dados em que o mesmo processo que se viu acontecendo na charge ocorre pode ser trazido para a discussão; porém, está-se fazendo, aqui, a opção de trabalhá-los de uma forma mais rápida, já que o raciocínio feito para 'lama' acima praticamente se repete neles. Nestes outros exemplos, como na charge, a partir do uso do processo de metaforização por meio da integração conceptual, obtido a partir da aproximação de sistemas de referências distintos, o locutor cria efeitos de sentido e pode se marcar subjetivamente, seja no sentido de encontrar formas peculiares de expressão ou de definir com que conjuntos de coisas está comprometido.

Um desses exemplos poderia ser aquele produzido pelo espectador da novela que, ao ver a jovem se maquiando para sair com o namorado, disse que ela estava fazendo a sua **macacagem**. De duas, uma: ou ela estava fazendo a *maquiagem*, já que pintava o rosto, ou ela estava fazendo *macaquices*, já que repuxava o rosto fazendo espécies de caretas, buscando observar o resultado do trabalho. Mas ela não fazia *macacagem*. Ouvidas essas observações, o produtor do termo permitiu entrever que era

assim mesmo que ele o queria, porque a sua pretensão visava à aproximação entre o *maquiar-se* e o *portar-se como macaco* fazendo trejeitos, bem como manifestar a sua desaprovação com relação às pessoas que se maquiam e que têm, nessa atividade, uma maneira de encobrir imperfeições. Este parece um exemplo para que se compreenda o efeito de sentido como um achado (POSSENTI, 1997).

Outro poderia ser o da criança que, sentindo a mãe perfumada, pergunta se ela usou **cheirume**. Ela, rindo, comenta: *Mamãe usou perfume*. Em troca, recebe a seguinte questão: *E por que cheira tanto?* Parece possível pensar-se que, para a mãe, o que ela fez foi se perfumar, obtendo um certo resultado. Para a criança, a mãe teria buscado se perfumar, mas o resultado obtido, conseqüência do mau produto ou da grande quantidade, não teria sido o que fora almejado, merecendo o comentário. Como *cheirume* não existia, a mãe acha graça no jogo estabelecido e corrige o filho, quando percebe que ele realmente tinha pretendido dizer o que tinha dito, por meio da aproximação das formas *perfume* e *cheiro*. O que parece estar sendo visado pelo locutor é ou a crítica à qualidade do perfume usado pela mãe ou à forma de ela perfumar-se, no caso, em demasia, passando do limite de adequação. Eis o autor em sua atividade exotópica (BAKHTIN, 1992). Pela aproximação entre perfume e cheiro, obtida pela forma *cheirume*, o locutor se subjetiva, na forma de dizer e no que diz, estabelecendo para si e para o outro que perfume lhe agrada e em que medida se deve usá-lo. Talvez, ele deva ser o encarregado da compra do próximo perfume. Nesse caso, dada a situação comunicativa relatada, a criação lexical foi, aparentemente, intencional, mas, mesmo que não tivesse sido, haveria que se considerar, na leitura, o trabalho de criação do sujeito, pautado em conhecimentos dele sobre a organização do mundo e da língua.

Um outro ainda poderia ser, dentre os que são dados por Gladstone (apud BURKE; PORTER, 1993, p. 158), a expressão **cobweb morning**, que equivaleria a *manhã de teia de aranha*. A expressão usada pelo dialeto de Norfolk, região da Inglaterra, corresponde àquelas *manhãs enevoadas*, *early light of day*. Novamente, vê-se em ação o princípio da aproximação de sistemas de referência distintos (manhãs enevoadas e teias de aranha), sendo os traços comuns entre eles (a tessitura e o emaranhado) usados para formar um plano de integração mais alto, com os traços de um se projetando sobre o outro, o que leva, inclusive, o autor a falar numa poética da vida silvestre.

Um quarto exemplo poderia ser o de Freud (1969), que, analisando chistes ingênuos, relata o episódio ocorrido entre duas crianças. Uma menina teria dito a um menino que não comesse tanto pudim, pois poderia passar mal e teria que tomar **Bubizin**. A mãe, estranhando o termo, corrige a locutora, dizendo que *Bubizin* não existia, ao que a menina retruca: *quando eu estou doente, devo tomar Medizin*. Eis a explicação de Freud: "A criança pensava que aquilo que o médico lhe prescrevia chamava-se 'Mädi-zin' quando era para uma 'Mädi' (garotinha) e concluía que, quando era para um 'Bubi' (garotinho), devia chamar-se 'Bubi-zin'" (FREUD, 1969, p. 172). Outra vez, vê-se, por detrás da criação do locutor, um processo de aproximação entre dois mundos, o da medicação destinada às pessoas, quando elas apresentam algum tipo de distúrbio somático, e o dos gêneros, que dividem os seres humanos em femininos e mas-

culinos. O que o termo *Bubizin* realiza é a aproximação entre os sistemas de referência dos medicamentos e dos gêneros humanos, estabelecendo uma distinção entre possíveis remédios destinados a meninas e a meninos, o que, na verdade, não é real, já que um remédio serve para ambos os sexos, mas isso não faz parte do saber enciclopédico da menina e, portanto, ainda não foi transformado em princípio de leitura<sup>8</sup>.

Por fim, mencione-se a formação da palavra **frevo**, que designa um ritmo musical. A estarem certos os historiadores, o termo teria tido sua origem na analogia feita com *fervura*, momento em que a água, já com certa temperatura, entra em ebulição. Pode-se perceber o trabalho de integração conceptual efetuado a partir da percepção sensorial de como se dá a fervura da água e a sua passagem para um ritmo dançante agitado e saltitante, lembrando a água borbulhando, quando em processo de efervescência. O deslocamento da fricativa [r] para junto da também fricativa [f], formando um encontro consonantal, com a conseqüente relocação da vogal [e] para o final da sílaba, explicaria a mudança de *fervura* em *frevura* e daí para *frevo* e não *fervo*, formando um metaplasmo ocasionado por metátese.

Por fim, apenas sejam mencionados os casos, aliás muito elucidativos, de dois *nicks* que foram encontrados em salas de bate-papo e que eram usados por duas pessoas, uma, que se dizia lésbica, e outra, que se dizia uma adolescente à procura de uma paquera. Os *nicks* eram, respectivamente, **pantera-cor-de-rosa** e **whiskas**.

## Conclusão

Se os exemplos apresentados forem procedentes, é de se imaginar, que, para além das materialidades formais que emergem a partir de uma atividade discursiva e com as quais o leitor se depara, existem processos cognitivos que conduzem e, de certa forma, limitam as formas de o homem olhar para o mundo e lhe atribuir sentido, quer isto se dê pela atividade de escrever ou de ler, o que não deixa de ser a mesma coisa, se for considerado que aquele que escreve o faz para mostrar como lê certo episódio. Talvez, apressadamente se pudesse supor que esses princípios gerissem as atividades dos sujeitos, dispondo-lhes as formas de pensar e impedindo a proliferação dos sentidos. O que parece é que se deve, pelo menos, relativizar tal forma de compreensão. Se é possível afirmar que os mecanismos cognitivos dão aos homens as maneiras de eles olharem para o mundo, por outro lado, também é possível se ver que, por meio deles, a atividade discursiva se realiza um pouco aleatoriamente, não sendo possível prevê-la, enquanto o texto, atividade estruturante, não tiver sido formalizado. O futuro, nesse sentido, é sempre passado.

Pensa-se poder expandir o que está dito para a atividade subjetiva em geral, que não pode ser ignorada por quem lê. Pautado em processos cognitivos, conhecimentos

<sup>8</sup> Os exemplos 1, 2 e 4 são, inclusive, casos de criação vocabular, valendo-se de princípios da língua.



de mundo disponibilizados, tipologias textuais estabelecidas e gêneros relativamente estáveis, o sujeito opta por produzir um texto que deverá se tornar público. Há que se reconhecer que um conjunto de coerções está, pois, procurando impedir que o aleatório e o indisciplinado (no duplo sentido) ocorram. Mas, parece impossível que esse conjunto de determinantes alcance cabalmente o seu fim último, que é o de realizar a injunção do sujeito a uma forma de dizer e a um conteúdo. Parece ter-se que reconhecer, com Laplantine e Trindade (1997, p. 8) que o homem "não foi derrotado no confronto com a racionalidade das imagens massificadas, produzidas para o consumo fácil, encontrando-se presente cada vez mais nas fantasias, e projetos, nas idealizações dos indivíduos e em outras expressões simbólicas".

O ato de ler remete a um duplo olhar que requer que o conjunto de coerções a que o produtor do texto está submetido seja levado em consideração, por se saber que ele afeta a forma de o sentido ser apresentado, procurando impedir que o aleatório e desestabilizador venham a ganhar corpo, podendo tornar-se espessura e ruptura, mas também que se percebe que esses procedimentos de controle que visam à injunção, alienando o sujeito a uma forma perene de dizer, não conseguem cumprir em absoluto sua função, permitindo-lhe, já que é um ser desejante, romper com as formas de dizer e com os pleitos a afirmar, fazendo ranger o estabelecido e o submetendo a outras formas, criando indisciplinas por meio de usos que, se não são radicalmente seus, também não são radicalmente do Outro, que o submeteria e o tolheria em suas necessidades históricas. Para Laplantine e Trindade (1997, p. 27), "A determinação de um futuro virtual é acometida por uma imaginação transgressora do presente dirigida à consecução de um possível não realizável no presente, mas que pode vir a ser real no futuro".

O sujeito que escreve, porque lê, e que lê, porque escreve, imprimindo outros textos sobre os que têm à frente de seus olhos, lembrando a "história *palimpsesta*" de Brooke-Rose (2001, p. 154), deixa rastros de sua passagem pelas estradas textuais que percorre, que, é verdade, indicam os seus compromissos com agrupamento sociais, com formas de representação social e com ideologias situantes e sitiantes, mas também mostram a sua forma de se posicionar e responder às tarefas do seu tempo e a sua pegada específica sobre um caminho já trilhado e desacreditado: eis o sujeito e o trabalho, a atividade e a identidade.

CATTELAN, J. C. Save us from dirt, Dalai!. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n.2, p.59-76, 2003.

- **ABSTRACT:** *Based on Culioli's conception of language (1997), Lakoff's theory of metaphor (1997), and Fauconnier's conceptual integration (1997), this paper studies cases where the metaphorical process occurs. Accordingly, it shows whether it is a cognitive process that constrains discourse and language expression, or it is a means of allowing for the apparent plasticity and flexibility of language.*
- **KEYWORDS:** *Cognitive processes; metaphorical process; conceptual integration; subjectivity; discursive activity.*

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BROOKE-ROSE, Christine. História Palimpsesta. In: ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução MF. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 147-162.
- BURKE, Peter; PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade*. Tradução Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- CULIOLI, Antoine. Subjectivité, invariance et déploiement des formes dans la construction des représentations linguistiques. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. *Diversité des langues et représentations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997. p. 43-57.
- FAUCONNIER, Giles. Manifestations linguistiques de l'intégration conceptuelle. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. *Diversité des langues et représentations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997. p. 182-193.
- FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Tradução Álvaro Cabral. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Tradução Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LAKOFF, George. Les universaux de la pensée métaphorique: variations dans les expressions linguistiques. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. (Eds.). *Diversité des langues et représentations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997. p.167-181.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. *O que imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. Sobre as noções de efeito de sentido. *Cadernos da FFC*, Marília, v.6, n. 2. p.1-11, 1997.

## Bibliografia consultada

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Tradução Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O signo de três*. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução MF. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.